

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT01.060

O DESENHO DA PAISAGEM DA BAIXADA FLUMINENSE COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

CLÉZIO DOS SANTOS

Professor Associado II de Ensino de Geografia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGeo/UFRRJ) e do Programa de Educação Contemporânea e Demandas Sociais (PPGEduc/UFRRJ), e JCNE – FAPERJ.cleziogeo@yahoo.com.br

RESUMO

A construção de desenhos da paisagem da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro voltada para a formação docente, faz parte do projeto Geografia e Formação Cidadã na Baixada Fluminense: elementos para uma aprendizagem significativa dos conteúdos escolares. O projeto procura fomentar o debate centrado na necessidade do uso dos recursos didáticos na formação cidadã dentro da escola, via aprendizagem significativa dos conteúdos. Dessa forma, nos voltamos à formação de professores. O objetivo geral é analisar a construção de desenhos da Baixada Fluminense como recurso didático na formação de professores de Geografia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ). Relatamos a atividade desenvolvida na disciplina ensino de geografia I do curso de licenciatura em geografia localizado no campus de Nova Iguaçu da UFRRJ. A metodologia está presa às pesquisas qualitativas, envolvendo a leitura de textos, construção de desenhos de paisagem e discussão de seu uso como recurso didático. Dentre o referencial teórico da área de Educação e do Ensino de Geografia, destaca-se especialmente os trabalhos de Spink (1993), Callai (2005), Dias et al (2012), Santos (2013), e Moura-Fé (2014). Os desenhos da paisagem do Maciço Gericinó-Mendanha e do Pico do Tinguá configuram-se como um recurso didático relevante no ensino de Geografia Física da Baixada Fluminense especialmente para as aulas de geografia na escola básica, onde pode-se explorar diferentes conteúdos geográficos necessários para a formação dos alunos desse segmento educacional. A abordagem interdisciplinar não deve ser compreendida apenas

como planejamento e atuação colaborativa de profissionais de diferentes áreas em atividades realizadas na escola e sim uma abordagem curricular integrada o Maciço do Gericinó-Mendanha e o Pico do Tinguá ganham por meio do desenho da paisagem a possibilidade de um aliado forte no ensino-aprendizagem significativa para as aulas de geografia da Baixada Fluminense.

Palavras-chave: Desenho, Paisagem, Baixada Fluminense, Ensino de Geografia Física, Formação de professores.

INTRODUÇÃO

O texto integra o projeto de pesquisa Geografia e Formação Cidadã na Baixada Fluminense: elementos para uma aprendizagem significativa dos conteúdos escolares desenvolvido com o apoio do CNPq via Edital Universal de Ciências Humanas e Sociais de 2017 e do Edital Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE-FAPERJ). Está vinculado ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão na Educação Básica do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ).

O trabalho destaca a necessidade de uma formação docente em geografia que leve em conta uma abordagem interdisciplinar no ensino. Essa postura de longe compactua com o fim da abordagem disciplinar do ensino de geografia no currículo nacional e sim tece um diálogo para intensificar a produção do conhecimento no ambiente escolar. Essa postura é relevante num momento em que muito se questiona a presença das ciências humanas no ensino médio brasileiro, especialmente as disciplinas escolares de geografia e de história. Partimos do pressuposto que uma abordagem interdisciplinar auxiliaria muito nas práticas docentes e elas devem estar presentes desde a formação desse profissional.

O objetivo geral é analisar a construção de desenhos de paisagem do Maciço Gericinó-Mendanha na Baixada Fluminense como recurso didático na formação de professores de Geografia do IM/UFRRJ. A atividade foi desenvolvida na disciplina ensino de geografia I do curso de licenciatura em geografia localizado no campus de Nova Iguaçu da UFRRJ. A metodologia está presa às pesquisas qualitativas, envolvendo a leitura de textos, construção de desenhos e discussão de seu uso como recurso didático. Os desenhos do Maciço Gericinó Mendanha configuram-se como um recurso didático relevante no ensino de Geografia Física da Baixada Fluminense especialmente para as aulas de geografia na escola básica. Almeida (2016, p.17) recorda que “é função da escola preparar o aluno para compreender a organização espacial da sociedade” mediante o domínio das técnicas e instrumentos de representação gráfica.

Nesse sentido, os desenhos são exemplos de representações gráficas que podem ser exploradas pelos docentes em suas metodologias de ensino. Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p.293) afirmam que os desenhos, independente da faixa etária ou do nível socioeconômico e cultural do estudante, “possibilitam identificar

o desenvolvimento gráfico espacial dos alunos como uma representação do mundo próximo e conhecer suas informações sobre os lugares”.

Os critérios de seleção dos desenhos empregados por essa equipe foram os mesmos: (1) Qualidade na execução; (2) Uma mensagem reconhecível; (3) Conteúdo geológico/geomorfológico. As produções precisavam ser minimamente qualificadas e claras o suficiente para que o leitor compreendesse a mensagem transmitida, e deveriam apresentar elementos específicos da geologia/geomorfolgia, tais como a representação de uma determinada formação do relevo, em diferentes escalas e níveis de complexidade.

O ENSINO DE GEOGRAFIA POR MEIO DO DESENHO

A importância de trabalhar o subjetivo é inegável, como nos diz: Scoz, Castanho et. al (2011), “trata-se de compreender a subjetividade em construção permanente, que se expressa a partir das interseções entre o indivíduo e o social, a emoção e a cognição na aprendizagem”, tornando importante conhecer o meio social que o aluno está inserido e a partir de suas realidades trabalhar os conteúdos a serem ensinados. A partir dos conhecimentos de vida de cada aluno, desenvolver um novo conhecimento.

Há várias formas eficientes de se trabalhar o subjetivo de cada indivíduo em sala de aula. Várias são as propostas que podem ser utilizadas como por exemplo filmes, animações, revistas em quadrinhos, jornais e revistas, entre outras várias formas, porém, vamos tratar aqui diretamente com o desenho como proposta pedagógica.

O desenho, como diz Santos:

São ao mesmo tempo “naturais” (espontâneos) e “imitativos” (copiativos), são construídos de dentro para fora, passando pelo que Kincheloe denomina de reino cognitivo. Para este raciocínio ter fundamento, devemos entender os desenhos dos alunos como componentes do desenvolvimento geral do conhecimento do aluno. Os desenhos revelam muito sobre a natureza do pensamento humano e a sua capacidade de resolver problemas. (SANTOS, 2013. p. 81 e 82).

Entende-se assim, o desenho como importante instrumento no processo ensino-aprendizagem, já que é um meio pelo qual se transparece o desenvolvimento de conhecimento de cada indivíduo. É preciso haver sensibilidade por parte

do professor para entender que o desenho pode ser um instrumento para aproximar os conteúdos a se ensinar com a realidade social que está inserida na classe em que leciona. Parte importante da estrutura social, nossas representações da realidade interferem sobre nosso agir. Modifica nosso ver, modificando a sociedade. Entendendo representação como “reprodução daquilo que se pensa” (FERREIRA, 1975 apud SPINK, 1993), associado a todas as influências obtidas ao longo da vida do ser representante, compreende-se que é de grande revelia para o professor. Por isso agrega ao professor, identificar as referências de seus alunos. Podendo ampliar o domínio de relações, principalmente para o professor de geografia, aumentando as operações dadas no espaço.

A Geografia, uma ciência que tem por finalidade entender as relações da sociedade com o espaço, tem no desenho uma boa proposta metodológica pois “abre caminhos de análise para a ciência geográfica, estimulando no leitor dessa imagem, não só a interpretação, mas a curiosidade, a imaginação, o desejo, as sensações geográficas” Dantas; Morais (2008, p. 149) apud Dias, et. al (2012).

Ao passar as impressões de mundo para o papel, o aluno não só imita a realidade, mas repassa as suas impressões. Ao analisar cada desenho, se analisa a visão do seu criador, as suas percepções. Para a Geografia “os desenhos podem ser vistos como forma e/ou representação espacial, tendo em vista que, muitas vezes, representam espaços vividos e práticas sociais” Dias, et al (2012), sendo este impregnado de informações pessoais do seu criador.

O desenho torna-se também um recurso que desperta o interesse do aluno, pois é algo que está presente em seu cotidiano. Dias et. al (2012) também afirma que:

O desenho apresenta-se como um suporte que pode e deve ser aliado do ensino de Geografia, visto que a leitura deste recurso visual estimula o senso crítico, desenvolve a capacidade de contextualização, interpretação e análise do aluno. Outrossim, permite a realização de uma abordagem mais subjetiva dos temas expostos, possibilitando que o professor não se mantenha preso a mecanismos da abordagem racionalista (DIAS et. al, 2012, p.36).

Com o desenho é possível identificar certa apreensão espacial do aluno. Partindo da análise do professor, com conhecimentos sistematizados sobre os conceitos geográficos, poderá ampliar o entendimento socioespacial do aluno. Partindo também da avaliação imagética do aluno, o desenho, outra forma de se expressar.

Trabalhando com desenhos em sala de aula, poderá identificar pelo tipo de traçado o perfil do aluno, o ponto de vista dele em relação à sociedade; seu tipo de configuração espacial com a teoria do espaço operatório piagetiana. Através da representação das edificações, do seu trajeto até a escola, poderá captar seu nível de abstração. Podendo assim, ensinar a partir das informações vividas, os conceitos de espaço, paisagem; tendo em vista as mudanças apresentadas pelo cidadão.

Estenderá ao domínio imagético feito a partir de noções de posse, para explicar o conceito de território. Podendo com isso explicar a situação contemporânea do país que o estudante se encontra, no caso o Brasil. Chegando portanto a formar o conceito de países, podendo, pois, ampliar ao domínio da divisão internacional do espaço.

De modo a ampliar o imaginário imagético do aluno, o professor poderá, caso tenha segurança nos conceitos, identificar o que dentro do universo analítico seu pode melhorar na situação que se encontra. No caso do professor de geografia, mediante aos recursos possíveis poderá implementar outros modos de expressão com via avaliativa. Incentivando a formação de cidadãos ativos como complemento.

A PAISAGEM NA GEOGRAFIA

Embora a noção de paisagem seja bastante antiga, o conceito de paisagem só começou a aparecer claramente a partir da observação de pintores e artistas tanto do oriente quanto do ocidente. Ocorre que, o conceito de paisagem aborda múltiplas definições, desde a sistematização da geografia como ciência no séc. XIX, o conceito vem sendo discutido entre relação social e natural, ou seja, a relação entre o homem e a natureza em um determinado espaço geográfico.

Inicialmente, a paisagem pode ser “tudo” aquilo que é aprazível aos olhos. Entretanto, quando nós incluímos o viés geográfico, o termo considera todos os sentidos, como tato, e olfato, por exemplo. Dessa forma, as noções geográficas aderem o ponto de partida do estabelecimento de uma inter-relação entre ser humano e natureza, podendo obter significados mais abrangentes. Portanto, diferente do que é comum pensar, a paisagem não está restrita somente a uma divisão geográfica, mas pode ser tudo que um ambiente é capaz de transmitir, individual e coletivamente. Além disso, pode revelar as relações com a história, cultura e economia de uma sociedade.

Dessa forma, mesmo sendo uma noção já bastante conhecida, a multiplicidade no termo gera a dúvida sobre o que pode ser considerado ou não paisagem. Uma vez que existem tipos 2 diferentes, que sofrem com a alteração humana e também a natural. Assim, aspectos de relação entre homem e natureza podem, nas suas mais variadas formas modificar o que a paisagem é em determinado espaço temporal, dessa forma, o passado e o presente coexistem no conceito de paisagem geográfica.

Como o termo sofre modificações com o passar dos anos, e das novas descobertas, mas ainda assim está intrinsecamente ligado aos sentidos humanos, a paisagem pode ser um conceito bastante relativo. Uma vez que, a paisagem natural independe das intervenções do indivíduo, mas desperta múltiplas sensações ao que a observa. Já a paisagem cultural revela faces da natureza humana, sendo modificada de acordo com as necessidades, mas também de uma forma que seja agradável aos sentidos. Por isso, a importância do entendimento acerca dos conceitos principais da geografia.

O estudo da geografia permite que o aluno possa compreender os desdobramentos da vida humana conforme aquilo que vivencia. De certa forma, a geografia permite que o ser humano tenha uma leitura de mundo mais expressiva, tornando capaz de identificar sua relação enquanto ser vivente e natureza. A paisagem como pode ser definida a partir dos sentidos humanos, trabalha de forma mais prática a questão da leitura de mundo.

[...] fazer a leitura da paisagem pode ser uma forma interessante de desvendar a história do espaço considerado, quer dizer, a história das pessoas que ali vivem. O que a paisagem mostra é a história do que aconteceu ali. (CALLAI, 2005, p.238).

A paisagem geográfica, assim, pode ser definida como todos os elementos do espaço que os nossos sentidos conseguem captar ou perceber e interpretar.

A paisagem representa todos os componentes do espaço que os nossos sentidos conseguem perceber. Algumas definições apresentam a paisagem como sendo o conjunto de elementos que são visíveis no espaço, isto é, tudo aquilo que nossos olhos conseguem enxergar em um determinado local. Entretanto, a configuração desses lugares é feita a partir não somente de pessoas e objetos físicos, como edificações, carros, postes, árvores, rios, etc., mas também por meio da interação entre esses diversos componentes, o que gera sensações (como sons

e cheiros), que são identificadas a partir dos nossos outros sentidos (olfato, tato, audição e paladar). Paisagem é o “espaço de terreno que se abrange numa visão de conjunto; vista, panorâmica; pintura, gravura ou desenho que representa uma vista panorâmica” Ximenes (2003, p. 690) apud, Moura Fé (2014, p. 104).

Além de tudo que dito anteriormente, as paisagens são divididas em alguns grupos, sendo estes explicados a seguir.

OS CAMINHOS TRILHADOS NO DESENHO DA PAISAGEM

A metodologia utilizada é qualitativa e está embasada no referencial teórico da área de Educação e do Ensino de Geografia, especialmente em trabalhos focados na construção de Spink (1993), Callai (2005), Dias et al (2012), Santos (2013), e Moura-Fé (2014).

A metodologia procura colaborar para uma análise centrada nas diferentes práticas pedagógicas abordadas por meio do referencial teórico e construção de materiais didáticos, como o desenho da paisagem, evidenciando a relação teoria e prática com suas práticas disciplinares e interdisciplinares no cotidiano escolar.

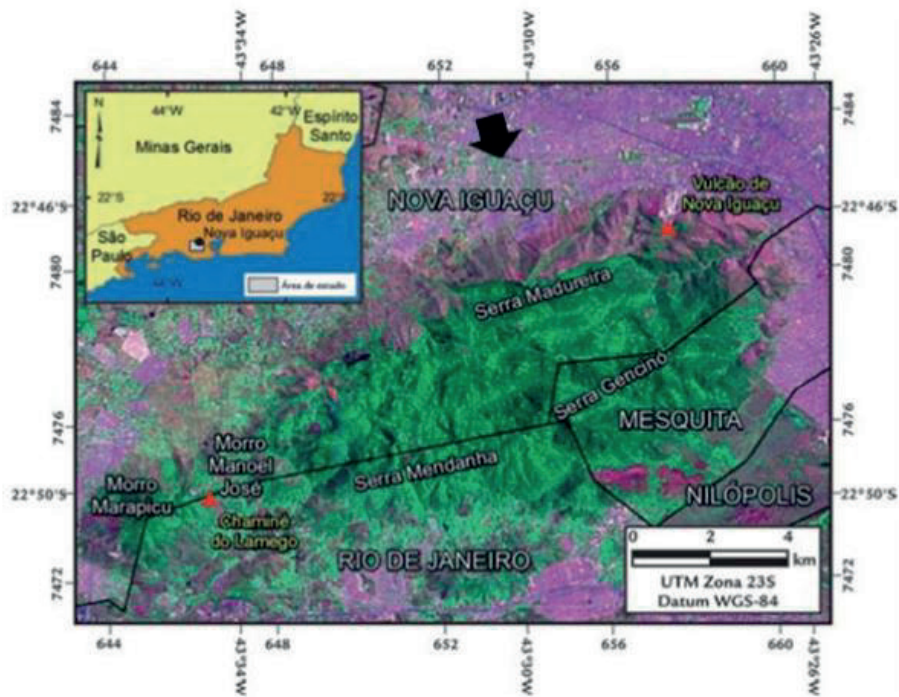
A construção e o uso de recursos didáticos ampliam a possibilidade de um trabalho interdisciplinar no ensino regular e continua sendo uma prática desafiadora. Propostas para sua efetivação vêm encontrando resistências nas salas de aula sejam elas conscientes ou não, com reflexos diretos no trabalho dos professores e na rotina dos estudantes, assim como no processo de ensino-aprendizagem.

O projeto Geografia e Formação Cidadã na Baixada Fluminense: elementos para uma aprendizagem significativa dos conteúdos escolares procura fomentar o debate centrado na necessidade do uso dos recursos didáticos na formação cidadã dentro da escola, via aprendizagem significativa dos conteúdos, onde os futuros professores possam ir além dos temas e conteúdos trabalhados pelas orientações curriculares e de fato esse conhecimento construído dentro da escola e nas aulas de geografia tenham sentido no dia a dia.

O Maciço Gericinó-Mendanha está localizado no extremo setentrional da região carioca e tem como ponto culminante o Pico do Guandu, com 964 m de altitude, situado ao norte do Morro do Gericinó, que tem altitude de 887m. Apresenta uma orientação NE-SW, tem seu flanco meridional abrupto, caindo suavemente para norte. Veja a figura 1. Ele é constituído, de modo geral, por gnaisses, cortados por veios e diques de fonolito; encontramos também vários afloramentos de rochas

alcalinas: sienito, nefelínicos e foiaito; principalmente no Morro do Marapicu. Além das rochas alcalinas, também são encontrados tufos vulcânicos na nascente do Rio Guandu do Sapê, em Campo Grande, assim como bombas vulcânicas; portanto, comprova-se a existência de uma chaminé vulcânica entre os Morros do Manoel José e do Guandu. A chaminé não quer dizer uma cratera de vulcão, mas isso é outra discussão que pode ser trabalhada com a maquete do maciço.

Figura 1. Localização do Maciço Gericinó-Mendanha e indicação do olhar para a construção do desenho da paisagem



Fonte: Mota, 2012 adaptado pelo autor, (2023).

Analisamos a seguir o processo de construção e dos desenhos de paisagem do Maciço do Gericinó-Mendanha no estado do Rio de Janeiro feito por alunos e alunas do 5º período do curso de Geografia do IM/UFRRJ. Foram produzidos no mês de abril 35 desenhos a partir do terceiro pavimento do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ no campus Nova Iguaçu.

Vamos utilizar uma atividade realizada na disciplina Ensino de Geografia I Ensino Fundamental para destacar a abordagem interdisciplinar voltada para

o ensino de geografia e em especial as aulas de geografia no ensino básico. Escolhemos a construção de desenhos do Maciço Gericinó-Mendanha, por ser uma formação geológica-geomorfológica muito próxima da UFRRJ – campus Nova Iguaçu, dessa forma essa elevação do relevo faz parte do cotidiano desses alunos e alunas de geografia.

ANÁLISE DO DESENHO DA PAISAGEM DO GERICINÓ-MENDANHA

As paisagens naturais são compreendidas como aquelas que não possuem a interferência humana visível, são um reflexo da ação da natureza. Vales, florestas, montanhas, lagos, serra, mar, cascatas, são espaços naturais que geralmente podem ser modificados em decorrência de aspectos climáticos e outros acontecimentos naturais, elas passam por modificações vindas da própria natureza, de acordo com a influência do clima, relevo, solo, vegetação, entre outros. Alguns desses elementos, em especial o maciço do Gericinó Mendanha, podem ser vistos nas figuras 2 e 3.

Figura 2. Desenho da Paisagem A



Fonte: Acervo do autor, 2023

A Partir disso, os elementos são entendidos como produtos da combinação de fatores específicos, que atuam de forma interna e externa no planeta. As placas tectônicas, que modificam o relevo terrestre, são um dos exemplos de agentes internos. Já a ação dos ventos e da ação da água, são agentes de ação externa, uma vez que modificam as paisagens, provocando o desgaste das rochas e solos (A figura 2 representa esses desgastes). Por conta disso, as transformações acontecem de forma gradual aos olhos humanos.

Figura 3. Desenho da Paisagem B



Fonte: Acervo do autor (2023)

Há ainda a paisagem humanizada, modificada ou artificial que é aquela em que é claramente perceptível a intervenção dos homens (ação antrópica). Veja a figura 4. Nesses casos, a paisagem é modificada para criação de infraestruturas. Como casas, prédios, monumentos ou qualquer objeto não-natural. Embora a preservação da paisagem natural seja algo importante para a vida no planeta, o equilíbrio com uma humanizada deve ser mantido, já que parte das construções visam o bem-estar e melhoria de vida dos seus habitantes.

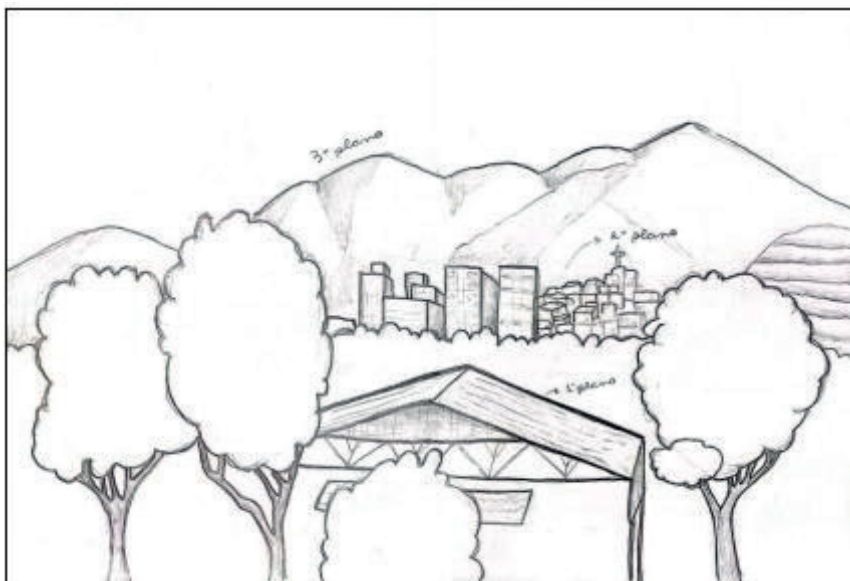
Figura 4. Desenho da Paisagem C



Fonte: Acervo do autor (2023)

E por fim temos a paisagem cultural revela aspectos culturais de uma extensão territorial. A forma como ela se apresenta indica costumes e valores dos seus habitantes. Como exemplo, podemos citar as tribos indígenas. A ocupação desses locais é muito diferente das estruturas criadas para uma população que não é indígena. É importante lembrar que as paisagens diferentes são importantes, por isso é preciso que haja equilíbrio entre elas. Veja a figura 5.

Figura 5. Desenho da Paisagem D



Fonte: Acervo do autor (2023)

Não menos importante, vale ressaltar que dentro das paisagens naturais, existe também a paisagem dinâmica que está relacionada ao movimento, como animais se movendo e caçando em seu habitat natural. Da mesma forma se encontra a paisagem dinâmica entre a humanizada. Na mesma pode-se observar a movimentação de ônibus, carros, e outros meios de transporte em uma avenida. E de contraponto temos a paisagem estática que é um conceito atrelado à fragmentação do espaço e indica a análise de uma pequena porção geográfica.

RESULTADOS FINAIS

No quadro síntese dos desenhos (Quadro 01), veremos alguns elementos naturais e artificiais que permite-nos perceber a capacidade dos estudantes de descrever o espaço que os circunvizinham:

No primeiro quadrante do quadro acima, pode-se ver através do desenho, a notável verticalização enunciada pelos prédios que despontam atrás do que parece ser uma rodovia; o primeiro quadrante não apresenta nenhuma árvore.





No segundo, um elemento religioso se destaca na paisagem, uma cruz desponta bem no alto de uma vertente.

No terceiro quadrante, corresponde a elementos naturais e a primeira coisa que muitas vezes aparece na mente dos estudantes são as árvores, símbolos de uma natureza parcialmente “intocada”; em segundo lugar é perceptível o relevo correspondendo a quase 50% do desenho.

No quarto quadrante, aparece o afluente do Rio Botas; e mais uma vez as árvores não aparecem.

Quadro 1. Quadro de síntese dos elementos representados nos desenhos de imagem

Quadro 1. Quadro de síntese dos elementos representados nos desenhos da paisagem

	TIPO	DESENHO	CARACTERÍST.
ELEMENTOS CULTURAIS	COMUNS		→ AGLOMERADO URBANO → CARRO → RASTRO DE AÇÕES URBANAS (PODREIRA)
	INCOMUNS		→ PONTO DE REFERÊNCIA E CENTRO ECUMÊNICO (CRUZ) → QUADRA
ELEMENTOS NATURAIS	COMUNS		→ ARBORIZAÇÃO PRESENÇA DE MATA ATLÂNTICA → RELEVO GERICINÓ MENDONÇA
	INCOMUNS		→ AFLUENTE DO RIO BOTAS

Fonte: Acervo do autor (2023)

Os desenhos dizem muitas coisas sobre os estudantes, sobre o que os mesmos estão observando da paisagem; através dos desenhos os docentes poderão

captar informações valiosas sobre a vivência dos discentes para então trabalhar visando sanar as dificuldades e dúvidas acerca do Espaço vivido.

Segundo Souza (2007, p.11) “Recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos”. Neste caso os desenhos do Gericinó-Mendanha passam a ser pensados como tal devido ao seu direcionamento para o ensino de geografia. Souza (2007) comenta assim a respeito disso:

O recurso didático pode ser fundamental para que ocorra desenvolvimento cognitivo da criança, mas o recurso mais adequado, nem sempre será o visualmente mais bonito e nem o já construído. Muitas vezes, durante a construção de um recurso, o aluno tem a oportunidade de aprender de forma mais efetiva e marcante para toda sua vida. Souza (2007, p. 133).

Os recursos didáticos têm como função apenas a mediação no processo da aprendizagem, fazendo ligação entre professor e aluno respeitando seu espaço e sendo usado em momentos particulares. O professor ao utilizar os recursos tem que ter uma boa compreensão do material e entendimento pedagógico. Esse por sua vez tem de apresentar situações significativas para o aluno não sendo dissociado de sua realidade, mas sim fazendo parte do currículo.

Os desenhos como recurso didático não se encerram em sua construção, muito pelo contrário a partir desta construção que temáticas infundáveis podem ser exploradas no ensino em geral e em especial na geografia.

Através do referencial teórico é possível chegar ao resultado de que os desenhos são uma das ferramentas fundamentais para alcançar o objetivo almejado, em múltiplos conteúdos da Geografia, e os professores precisam utilizar esses mecanismos que fazem com que os aprendentes possam escrever suas realidades, associando o seu imaginário com o real e com as aulas ministradas na unidade escolar.

No quesito da formação de professores é muito importante incentivar os desenhos geográficos nos futuros docentes, sabendo que quando lecionarem, provavelmente utilizarão o que aprenderam ou construíram na graduação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desenhos geográficos, como recurso didático e pedagógico para o Ensino de Geografia são indispensáveis para que os estudantes possam, de uma forma lúdica, construir o seu próprio conhecimento, acerca do espaço em que vivem. O Maciço do Gericinó-Mendanha possui um potencial enorme de possibilidades educacionais para a população do entorno, e os desenhos refletem o imaginário que os discentes possuem correspondente ao maciço.

Dessa forma entra a abordagem interdisciplinar vinculada principalmente a atividades e/ou materiais elaborados por estudantes e professores que podem o desenho da paisagem, procurando romper com a dificuldade por parte dos professores em desenvolver a interdisciplinaridade. Essa dificuldade persiste em currículos de formação de docentes muito disciplinares.

As diferentes práticas dos professores de Geografia, sejam elas disciplinares, interdisciplinares e transversais, devem estar presentes na efetivação do Currículo de Geografia na Escola Básica e essa presença acena para um diálogo mais intenso e desejado, entre teoria e a prática no cotidiano da escola (SANTOS, 2017, p.96).

A abordagem interdisciplinar não deve ser compreendida apenas como planejamento e atuação colaborativa de profissionais de diferentes áreas em atividades realizadas na escola e sim uma abordagem curricular integrada o Maciço do Gericinó-Mendanha ganha por meio do desenho da paisagem a possibilidade e um aliado forte ensino-aprendizagem significativa para as aulas de geografia da Baixada Fluminense.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D. (Org.). Cartografia Escolar. São Paulo, Contexto, 2007.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola. 5ª. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CACETE, N.H.; PAGANELLI, T.I.; PONTUSCHKA, N.N. .Para ensinar e aprender Geografia. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CONCEIÇÃO, André Luiz da; FREITAS, LUCI Rocha de. Cartografia e desenhos: as perspectivas de crianças e adolescentes sobre o futuro. São Paulo: Editora Vicentinos, 2019.

DIAS, A. M. L.; MORAIS, I. R. D. ; LIMA, J. F. S. . Ensino de Geografia: linguagem, representação e símbolos. In: IV Fórum Internacional de Pedagogia, 2012, Parnaíba/ PI. Anais FIPED 2012, 2012.

DIAS, J. M. T. . Desenhos e vozes no ensino de geografia: a pluralidade das favelas pelos olhares das crianças In: Educação e Pesquisa, vol. 39, núm. 4, outubro-diciembre, 2013, pp. 1029-1048.

MOTA, C. E; et.al. Estrutura subsuperficial do Complexo Alcalino do Mendanha, Rio de Janeiro, por integração de dados geológicos e gravimétricos. REM: Rev. Esc. Minas vol.65 no.4 Ouro Preto Oct./Dec. 2012, pp.

MOTOKI, A; PETRAKIS, G. H; SICHEL, S. E; CARDOSO, C. E; MELLO, R. C; SOARES, R; MOTOKI, K. F. Origem dos Relevos do Maciço Sienítico do Mendanha, RJ, com base nas análises geomorfológicas e sua relação com a hipótese do vulcão de Nova Iguaçu. São Paulo, UNESP, Geociências, v. 27, n. 1, p. 97-113, 2008.

OLIVEIRA, Lívia de. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. In.: ALMEIDA, Rosângela Doin de. (Org.). Cartografia escolar. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PONTUSCHKA, Nídia; PAGANELLI, Tomoko Yida; CACETE, Núria Hanglei. Para Ensinar e Aprender Geografia. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PAGANELLI, T. I. Para a construção do espaço geográfico na criança. Dissertação de Mestrado. Departamento de psicologia da Educação do Instituto de Estados Avançados da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro/RJ. 1982.

SANTOS, C. Desenhos e mapas no ensino de geografia: a linguagem visual que não é vista. Geograficidade, v. 3, p. 80-92, 2013.

SANTOS, C. A Cartografia Temática no Ensino Médio de Geografia. Boletim Paulista de Geografia, 79: 65-90, São Paulo, 2003.

SANTOS, C. As práticas docentes e o Currículo de Geografia no Estado do Rio de Janeiro. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 12, n. 1, p. 83-98, jan./abr. 2017a. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>> Acesso em: 25 de jun. 2023.

SCOZ, B. J. L. et. al . Subjetividade, ensino e aprendizagem na educação básica: produções em psicopedagogia. In: X CONGRESSO DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL - CONPE, 2011, MARINGÁ/PR. CAMINHOS TRILHADOS, CAMINHOS A PERCORRER. São Paulo: Editora Loyola, 2011. v. 1. p. 1-249.

SOUZA, Salete Eduardo de. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. (memo) Disponível em: Acesso:08 de Maio de 2017.

SPINK, M. J. P. .O conceito de representação social na abordagem psicossocial. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro. Jul/set, v.9, p.300-308.1993.